

MEC testa plano para formar leigos em MT

Projeto-piloto permite que professores das zonas rurais recebam diploma de magistério em dois anos

DEMÉTRIO WEBER

Enviado especial

MATUPÁ (MT) – Falta estudo, mas sobram esforço e dedicação. Ignorando as distâncias, as deficiências de transporte e a falta de energia elétrica, 72 professores leigos (a maioria mulheres) decidiram voltar à condição de alunos e concluir a educação básica e o curso de magistério, no extremo norte de Mato Grosso. Muitos deles estudaram apenas até a 4.ª série e a maior parte não terminou o ensino fundamental (antigo 1.º grau). Desde fevereiro, todos participam de um projeto-piloto do Ministério da Educação (MEC), que quer diplomar 90 mil professores leigos (sem magistério) no País.

Em meio à mata, na zona rural de Matupá (a 700 quilômetros de Cuiabá) e em três cidades vizinhas, eles são a única opção de alfabetização para milhares de jovens e crianças. Geralmente, em escolas onde há apenas uma sala de aula e alunos da 1.ª à 4.ª série, que assistem juntos às mesmas aulas, esses professores preparam também a merenda, pegam ônibus e caminham horas para comprar os alimentos nas cidades.

Lampião – Dispostos a melhorar seu grau de escolaridade e atender à exigência legal de concluir o curso de magistério até 2001 para continuar lecionando, eles recorrem a lampião e, à noite, dedicam-se à leitura dos livros e apostilas fornecidos pelo MEC.

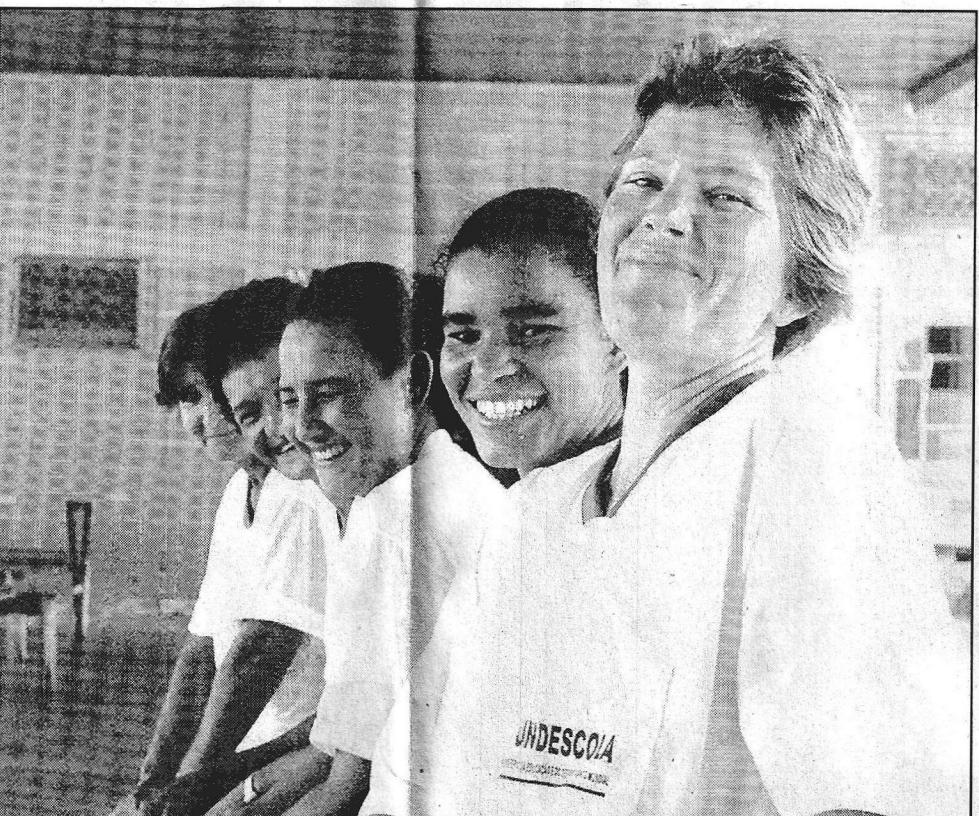
**DISTÂNCIAS
E FALTA DE LUZ
DIFÍCULTAM
AÇÃO**

A cada 15 dias, participam de encontros com os responsáveis pelo programa, o Proformaçao – uma parceria entre MEC, Banco Mundial (Bird), governos estaduais e prefeituras. E são acompanhados por monitores, que os visitam periodicamente.

Sacrifício – “A alegria de passar o pouquinho que a gente sabe e ver a descoberta dos alunos compensa qualquer sacrifício”, diz a professora Evanilde Conceição Teixeira, de 33 anos. Tendo concluído apenas a 4.ª série, há nove anos ela dá aula no município de Guarantã do Norte, a cerca de 30 quilômetros de Matupá, onde fica o núcleo do Proformaçao na região. Sua colega de profissão e escola Lúcia Regina Moratelli, de 32 anos, que também estudou só até a 4.ª série, conta já ter cortado lenha para alimentar o fogão e fazer a merenda dos estudantes. “Só Deus sabe a história da gente”, desabafa.

Evanilde e Lúcia Regina, assim como a maioria das professoras matriculadas no Proformaçao na região de Matupá, vivem em assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que têm como característica a falta de infra-estrutura. As estradas precárias – que parecem picadas no meio da mata –, o calor e os mosquitos dificultam ainda mais os deslocamentos.

Quando vão à cidade comprar alimentos, em especial massa e farinha, ou participar dos encontros do Proformaçao, as professoras Adineide Martins, de 19 anos, e Maria de Lourdes Andrade, de 27, caminham 12 quilômetros para pegar o ônibus, que demora três horas até Guarantã do Norte. “Na volta, meu pai costuma levar um cavalo até a estrada para carregar a merenda”, conta Adineide, ou-



Marina Oliveira/Fundescola
tra que também só estudou até a 4.ª série.

Matupá é um dos dez pólos do Proformaçao em Mato Grosso.

Há ainda dois núcleos em Mato Grosso do Sul. Nos dois Estados, 1.177 professores leigos deverão receber o diploma do curso de ma-

gistério no fim do ano que vem, segundo a coordenadora de Projetos Especiais do Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola),

órgão ligado ao MEC e responsável pelo programa, Wilsa Ramos. “A partir do ano 2000, a idéia é estender o Proformaçao até Goiás, Norte e Nordeste”, diz ela. De acordo com dados do MEC, do universo de professores leigos existentes no País, 113 mil não concluíram sequer o ensino fundamental.

Este mês, serão distribuídas fitas de vídeo com os conteúdos das apostilas. É mais um recurso didático para vencer as barreiras da distância e da falta de infra-estrutura. “O esforço dos professores é impressionante”, constata a consultora do MEC em Mato Grosso, Simone Albuquerque da Rocha, entusiasmada com os primeiros resultados.

Onças – Em dois meses, o Proformaçao já começou a mudar a rotina das aulas. A professora Lúcia Regina, por exemplo, adotou a prática dos trabalhos em grupo. “Antes achava que isso era perda de tempo e bagunça”, diz ela, que recebe R\$ 150,00 mensais. Outra novidade que incorporou foram as tarefas de recorte e colagem. “Usei esse recurso para estudarmos as datas comemorativas, como o Dia do Índio e o do Descobrimento do Brasil”, conta. “Parece que só de levantar da cadeira e pegar uma tesoura, os alunos ficam mais despertos.”

A professora Rosileine Rodrigues Alencar, de 25 anos, passou a usar peças de madeira para ensinar matemática. “Os alunos estão aprendendo com mais facilidade”, diz ela. Além disso, Rosileine, que cursou até a 7.ª série, descobriu que as atividades fora da sala de aula também podem ser proveitosas para os estudantes.

A frente de uma turma de 45 crianças e jovens, alguns deles com 16 anos, ela planeja fazer uma visita a um córrego na zona rural de Matupá para dar início às lições de ciências. Mas há um problema: o medo das onças. “Estou procurando um homem armado para ir junto”, diz.